

Educação: Políticas, Estrutura e Organização 8



Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2019

Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

Educação: Políticas, Estrutura e Organização

8

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : políticas, estrutura e organização 8 / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Educação: Políticas, Estrutura e Organização; v. 8)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-309-5

DOI 10.22533/at.ed.095190304

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Currículo escolar – Brasil. 3. Educação – Pesquisa – Brasil. 4. Políticas educacionais. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação: Políticas, Estrutura e Organização – Parte 8” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação. A educação é uma atividade que se expressa de formas distintas, envolvendo processos que tem consequências nos alunos, possui métodos que precisam ser compreendidos; envolve o que se pretende, o que se transmite, os efeitos obtidos, agentes e elementos que determinam a atividade e o conteúdo (forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores, materiais e outros) (SACRISTÁN, 2007). O conceito de educação é inseparável do ente subjetivo que lhe dão atributos diferenciados. A educação é algo plural que não se dá de uma única forma, nem provém de um único modelo; ela não acontece apenas na escola, e às vezes a escola nem sempre é o melhor lugar para que ela ocorra.

A escola deve estar pronta para atender a diversidade cultural, conduzindo a aceitação e o respeito pelo outro e pela diferença, pois se valoriza a ideia de que existem maneiras diversas de se ensinar e conseqüentemente diferentes formas de organização na escola, onde seja levado em consideração a complexidade da criação de um currículo que atenda o desafio de incorporar extensivamente o conhecimento acumulado pela herança cultural sem perder a densidade do processo de construção do conhecimento em cada indivíduo singular. A escolaridade faz parte da realidade social e é uma dimensão essencial para caracterizar o passado, o presente e o futuro das sociedades, dos povos, dos países, das culturas e dos indivíduos. É assim que a escolarização se constitui em um projeto humanizador que reflete a perspectiva do progresso dos seres humanos e da sociedade.

Em uma escola democrática não há barreiras educacionais, eliminam-se a formação de grupos com base na capacidade dos alunos, provas preconceituosas e outras iniciativas que tantas vezes impedem o acesso e permanências de todos na escola, proporcionando um ensino de qualidade para todos, sem exclusão.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
GESTÃO DEMOCRÁTICA DA EDUCAÇÃO: UMA VISÃO CRÍTICA	
Lorena Braga Siqueira Simone Braz Ferreira Gontijo	
DOI 10.22533/at.ed.0951903041	
CAPÍTULO 2	9
GOOGLE DOCS E PESQUISA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA INICIAÇÃO CIENTÍFICA	
Rosane Teresinha Fontana Giovana Wachekowski Silézia Santos Nogueira Barbosa Marcia Betana Cargnin Jane Conceição Perin Lucca Zaléia Prado de Brum	
DOI 10.22533/at.ed.0951903042	
CAPÍTULO 3	17
HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DE ALFABETIZADORAS DE GOIATUBA E BURITI ALEGRE – GO ENTRE 1979 A 2015	
Heloisa Maria Prado Cristina Aparecida de Carvalho Michelle Castro Lima Marco Antônio Franco do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.0951903043	
CAPÍTULO 4	28
II MOSTRA INTERDISCIPLINAR DE CURTAS: DAS PÁGINAS PARA AS CÂMERAS	
Eduardo Paré Glück Maria Helena Albé	
DOI 10.22533/at.ed.0951903044	
CAPÍTULO 5	38
IMPLEMENTATION OF ALTERNATIVE METHOD FOR A DIFFERENTIATED APPROACH ABOUT MEIOSIS	
Fabiana América Silva Dantas de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0951903045	
CAPÍTULO 6	47
IMPLEMENTATION OF COMPLEMENTARY METHODOLOGY FOR THE OPTIMIZATION OF KNOWLEDGE ABOUT STRUCTURAL AND NUMERICAL CHROMOSOMAL ALTERATIONS	
Fabiana América Silva Dantas de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0951903046	

CAPÍTULO 7	56
IMPLICAÇÕES DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS NA MOTIVAÇÃO PARA APRENDER: UM ESTUDO NO CAMPO DA MATEMÁTICA COM ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO	
Mateus Gianni Fonseca Matheus Delaine Teixeira Zanetti Cleyton Hércules Gontijo Juliana Campos Sabino de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.0951903047	
CAPÍTULO 8	63
IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO HUMANA DOS ESTUDANTES NO ENSINO MÉDIO: A LEI 13.415/2017 EM DEBATE	
Guilherme Antunes Leite Dalva Helena de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.0951903048	
CAPÍTULO 9	75
IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO EM DOCÊNCIA NA FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL NA PÓS-GRADUAÇÃO	
Tamiris Alves Rocha Danielle Feijó de Moura Marllyn Marques da Silva André Severino da Silva Gisele Priscilla de Barros Alves Silva José André Carneiro da Silva Georgia Fernanda Oliveira Dayane de Melo Barros	
DOI 10.22533/at.ed.0951903049	
CAPÍTULO 10	80
INCLUSÃO DIGITAL E TECNOLOGIAS VOLTADAS À PESSOA IDOSA NO CENTRO MUNICIPAL DE CONVIVÊNCIA DE IDOSOS EM CAMPINA GRANDE-PB	
Juliana Gabriel do Nascimento Leonardo Afonso Pereira da Silva Filho Lígia Pereira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.09519030410	
CAPÍTULO 11	89
INDICADORES DE CONCLUSÃO DE CURSO: PERFIL DOS CURSOS TÉCNICOS DO IFBA- SIMÕES FILHO	
Eliana Maria da Silva Pugas	
DOI 10.22533/at.ed.09519030411	
CAPÍTULO 12	96
INFORMAÇÕES QUE FORMAM MINHAS OPINIÕES	
Aldenice de Souza Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.09519030412	

CAPÍTULO 13	102
INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A SELEÇÃO E UTILIZAÇÃO PELOS PROFESSORES	
Viridiana Alves de Lara Mary Ângela Teixeira Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.09519030413	
CAPÍTULO 14	116
INTERVENÇÃO MATEMÁTICA: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA	
Francisca Maiane da Silva Valdicleide Rodrigues das Neves Bezerra Erica Morais Cavalcante Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.09519030414	
CAPÍTULO 15	123
INVESTIGANDO OS DISCURSOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS DO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS	
Marcos Felipe Silva Duarte Hellen José Daiane Alves Reis Jackson Ronie Sá-Silva Jucenilde Thalissa de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.09519030415	
CAPÍTULO 16	127
JOGO DIGITAL DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE: CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Gabriela EyngPossolli Alexa Lara Marchiorato	
DOI 10.22533/at.ed.09519030416	
CAPÍTULO 17	143
JOGOS PEDAGÓGICOS: UMA PROPOSTA ALTERNATIVA PARA ESTUDAR QUÍMICA	
Tiago Barboza Baldez Solner Sandra Cadore Peixoto Leonardo Fantinel Liana da Silva Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.09519030417	
CAPÍTULO 18	156
LAÇOS DA EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE: HÁ BRAÇOS QUE SÃO AUSENTES	
Ricard José Bezerra da Silva Leonardo Farias de Arruda	
DOI 10.22533/at.ed.09519030418	

CAPÍTULO 19 166

LER E CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PIBID PEDAGOGIA-UEL

Isabela Beggiato Baccaro
Viviane Aparecida Bernardes de Arruda
Natalia Mateus Tiossi
Thais Borges Durão
Anilde Tombolato Tavares da Silva
Marta Silene Ferreira Barros

DOI 10.22533/at.ed.09519030419

CAPÍTULO 20 170

LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA DE HUMANIZAÇÃO

Silvana Mansur Assad

DOI 10.22533/at.ed.09519030420

CAPÍTULO 21 185

LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: ANÁLISE DO CONTEÚDO MANGUEZAL

Jordan Carlos Coutinho da Silva
Rayane Lourenço de Oliveira
Paulo Augusto de Lima Filho

DOI 10.22533/at.ed.09519030421

CAPÍTULO 22 197

A LUDICIDADE EM CIÊNCIAS: IMPLICAÇÕES DIDÁTICO PEDAGÓGICAS NO FAZER DOCENTE

Gabriel Jerônimo Silva Santos
Plauto Simão De-Carvalho
Sabrina do Couto de Miranda

DOI 10.22533/at.ed.09519030422

CAPÍTULO 23 205

LUDICIDADE NO ENSINO DE QUÍMICA: ATIVIDADES LÚDICAS COMO EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO DE CONCEITOS ENVOLVENDO ESTEQUIOMETRIA

Lázaro Amaral Sousa
Rener dos Santos Cambui
Marília de Azevedo Alves Brito

DOI 10.22533/at.ed.09519030423

CAPÍTULO 24 212

MAPEANDO OS SINAIS PAITER SURUÍ PARA OS PROCESSOS PRÓPRIOS DE ENSINO APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

Rosiane Ribas de Souza Eler
Luciana Coladine Bernardo Gregianini
Miriã Gil de Lima Costa
João Carlos Gomes
Joaton Suruí

DOI 10.22533/at.ed.09519030424

CAPÍTULO 25	223
MATEMÁTICA EM FOCO: A ARTE DOS NÚMEROS	
Felipe de Azevedo Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.09519030425	
CAPÍTULO 26	234
MEDIACÃO NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS	
Diana Socorro Leal Barreto	
Maria Raimunda Valente de Oliveira Damasceno	
Nilda Miranda da Silva	
Iransy Gomes Barros	
Simonne Lisboa Marques	
DOI 10.22533/at.ed.09519030426	
CAPÍTULO 27	245
MESA DE PROVOCAÇÕES: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA DE INTERDISCIPLINARIDADE NOS CURSOS TECNOLÓGICOS DA UNIVERSIDADE DE SOROCABA	
Adilson Aparecido Spim	
Osmil Sampaio Leite	
Valmir Aparecido Cunha	
Vânia Regina Boschetti	
DOI 10.22533/at.ed.09519030427	
CAPÍTULO 28	252
METODOLOGIA ATIVA PARA UMA APRENDIZAGEM VISÍVEL EM RELAÇÃO AO PROFESSOR E ALUNO	
Luís Fernando Ferreira de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.09519030428	
CAPÍTULO 29	261
METODOLOGIA DO ENSINO DE BIOLOGIA: O PROFESSOR DE BIOLOGIA FRENTE AO DESAFIO DE CONFRONTAR AS TEORIAS SOBRE A ORIGEM DA VIDA NA PRIMEIRA SÉRIE DO ENSINO MÉDIO	
Erivaldo Correia da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.09519030429	
CAPÍTULO 30	272
METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO SUPERIOR: UM RELATO DA MONITORIA DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL	
Tatiana Cristina Vasconcelos	
Maria das Dores Trajano	
Thayná Souto Batista	
Joselito Santos	
Alex Gabriel Marques dos Santos	
Nadia Farias dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.09519030430	

CAPÍTULO 31	284
MONITORIA DA DISCIPLINA DE FISIOLOGIA GERAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Lívia Maria de Lima Leoncio	
Rhowena Jane Barbosa de Matos	
DOI 10.22533/at.ed.09519030431	
CAPÍTULO 32	293
MONTANDO ESTRUTURAS SIMPLES PARA O ENSINO DA TRIGONOMETRIA NO TRIÂNGULO RETÂNGULO	
Sílvio César Lopes Silva	
José Robson Nunes Gomes	
Cássia de Sousa Silva Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.09519030432	
CAPÍTULO 33	303
MÚSICA NA ESCOLA: UMA PESQUISA-AÇÃO	
Giácomo de Carli da Silva	
Cristina Rolim Wolffenbüttel	
DOI 10.22533/at.ed.09519030433	
SOBRE A ORGANIZADORA	314

MÚSICA NA ESCOLA: UMA PESQUISA-AÇÃO

Giácomo de Carli da Silva

Grupo de Pesquisa Educação Musical: Diferentes Tempos e Espaços – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)
Montenegro – Rio Grande do Sul

Cristina Rolim Wolffenbüttel

Grupo de Pesquisa Educação Musical: Diferentes Tempos e Espaços – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)
Montenegro – Rio Grande do Sul

RESUMO: A presente investigação foi desenvolvida em uma escola pública municipal, no interior do Rio Grande do Sul. Esteve vinculada a um programa federal chamado Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Contou com a participação de 111 alunos de cinco turmas do ensino fundamental, por meio de uma pesquisa-ação, com o objetivo promover uma prática de conjunto musical instrumental pautada por aprendizados práticos, teóricos e alternativos. Partiu das seguintes questões: Como que se constitui um conjunto instrumental escolar? Qual a importância dessa prática musical para os alunos? Como resultados, a pesquisa mostrou a eficácia e o impacto, através do olhar observador do professor de música e do retorno dos alunos, como desveladora das características dessa prática musical escolar importante, bem como

a partilha de conhecimentos musicais por parte dos alunos, foi satisfatória.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Musical. Prática instrumental. Música nas Escolas. Pesquisa-Ação.

ABSTRACT: This research was developed in a municipal public school, in the interior of Rio Grande do Sul. It was linked to a federal program called Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). It counted on the participation of 111 students from five classes of elementary school, through an action research, with the objective of promoting a practice of instrumental musical ensemble ruled by practical, theoretical and alternative learning. It started from the following questions: How is an instrumental school set up? How important is this musical practice to students? As results, the research showed efficacy and impact, through the observer's look of the music teacher and the students' return, as unveiling the characteristics of this important school musical practice, as well as the sharing of musical knowledge by the students, was satisfactory.

KEYWORDS: Music Education. Instrumental practice. Music in Schools. Action Research.

1 | INTRODUÇÃO

A prática de conjunto é um momento de integração musical, além de, também, se constituir um convívio com outras áreas do conhecimento. Pensando nessa perspectiva, a presente pesquisa-ação objetivou promover uma prática de conjunto instrumental saudável, balizada por aprendizados práticos, rítmicos, alternativos e teórico-musicais. O trabalho desenvolveu-se a partir do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em uma escola pública municipal na periferia de uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. Ao todo, 111 alunos dos 1º, 3º, 6º, 7º e 8º anos do Ensino Fundamental usufruíram as aulas de música, as quais ocorreram semanalmente, durante um período fixo disponibilizado pelas professoras do 1º e 3º anos, e em um período fixo semanal, disponibilizado pela professora da disciplina de Artes Visuais do 6º ao 8º anos.

Musicalmente, no sentido da prática do estudo musical, a maioria dos alunos, incluindo os mais novos, do 1º e do 3º anos do Ensino Fundamental, nunca tinham tido contato com o ensino de música em aulas realizadas anteriormente. Partindo do conhecimento desta realidade, antes do momento da coleta dos dados deste projeto, pensou-se em diferentes metodologias para o ensino musical, a fim de serem trabalhadas com as diferentes turmas de alunos que fizeram parte desse trabalho.

Nem todas as turmas tiveram aula de forma paralela, umas com as outras. Inicialmente, as aulas ocorreram na turma do 1º ano. Após o término das atividades com essa turma, as aulas seguiram para as demais turmas do 3º ano e 6º anos, paralelamente. Da mesma forma, as aulas de música seguiram-se para o 7º e o 8º ano, também paralelamente. Em um dado momento, chegou-se a trabalhar, ao mesmo tempo, com quatro das cinco turmas, cada uma em seu período de aula, até que, ao final do ano de 2017, as cinco turmas tiveram aulas de música paralelamente, a fim de realizar uma apresentação ao final do ano.

Pensando-se nessa realidade, surgiram dois questionamentos: Como se constitui um conjunto instrumental escolar? Qual a importância dessa prática musical para os alunos? Desse modo, essa pesquisa objetivou promover uma prática de conjunto musical instrumental, pautada por aprendizados práticos, teóricos e alternativos.

2 | METODOLOGIA TRABALHADA

São descritos, aqui, os caminhos metodológicos que estruturaram a realização dessa pesquisa. Partindo do princípio, a pesquisa utilizou a abordagem qualitativa, por focar-se apenas no retorno dos alunos quanto às atividades propostas em sala de aula. Suassuna (2008) explica que a pesquisa qualitativa busca investigar a opinião de um grupo de pessoas, frente a uma causa em que essas pessoas têm em comum.

Como já dito anteriormente, o método escolhido para esta pesquisa foi a pesquisa-ação. Tripp (2005) descreve-a como tendo sua primeira parte focada na elaboração,

antes da aplicação da mesma. A segunda parte é a da aplicação do planejado no campo escolhido para ser desenvolvida a pesquisa. Por fim, a terceira e última parte é a da avaliação da pesquisa, que constitui a análise do que ocorreu durante a aplicação da mesma, visando avaliar e identificar o que poderia ser melhorado para uma futura reavaliação da pesquisa.

Compondo a coleta dos dados, foram selecionadas três técnicas para essa investigação. A primeira foi a observação, que esteve intimamente ligada à elaboração do projeto, tendo como objetivo analisar os perfis das turmas com as quais o trabalho seria realizado. Ao todo, foram realizadas duas observações para cada turma, antecedendo o início das atividades musicais. O segundo contato e, talvez, o mais importante dos três, ocorreu com os alunos, de abril a dezembro de 2017, quando foi possível avaliar suas dificuldades individuais e coletivas, no que tange à prática musical. A terceira e última técnica para a coleta dos dados foi a aplicação de um questionário que, segundo Severino (2007), busca informações prévias sobre os entrevistados, considerando-se o objetivo de uma investigação.

Como não haveria tempo hábil para entrevistar individualmente cada um dos 111 alunos, foi aplicado, nas turmas de 6º, 7º e 8º anos, um questionário com três perguntas, sendo somente a primeira delas voltada para essa investigação. Com as turmas menores (turmas do 1º e 3º anos) foi realizada a gravação das respostas, pelo fato de parte dos alunos ainda não saber ler e escrever, o que ocorreu mediante autorização prévia da direção, pais e alunos. Ao todo, 89 dos 111 alunos responderam ao questionário. Os demais 22 alunos não responderam devido ao fato de não estarem presentes no dia da aplicação do instrumento de coleta dos dados.

Para a realização da análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo, proposta por Moraes (1999). Pautada na categorização dos dados, o autor propõe cinco etapas para o trabalho de análise, que são preparação das informações, unitarização ou transformação do conteúdo em unidades, categorização ou classificação das unidades em categorias, descrição e interpretação. Para essa pesquisa foram utilizadas três dessas cinco etapas, ou seja, a preparação das informações, a unitarização e a categorização.

A primeira etapa realizada na pesquisa, a preparação das informações, foi o momento da preparação dos dados, através da leitura e/ou visualização dos mesmos. Teve como objetivo conhecer o seu conteúdo. Assim, os dados foram preparados para a segunda etapa, chamada de unitarização. Na unitarização, os dados foram agrupados por semelhança, no caso, das respostas aos questionários. Sendo assim, a terceira etapa, a categorização, esteve intimamente ligada à segunda, corroborando a criação das categorias de análise, as quais foram criadas duas para essa pesquisa. Relacionando às aulas de música com as turmas trabalhadas, no que tange o aprendizado musical, as categorias resultantes foram: atividades apreciadas, atividades não apreciadas.

3 | TEORIAS E PESQUISA-AÇÃO

Este tópico apresenta o referencial teórico que fundamentou a presente investigação, juntamente com a transversalização com a pesquisa-ação, considerando-se as explicações acerca de como ocorreu a pesquisa entrelaçada ao referencial.

O referencial teórico que oportunizou o início da pesquisa fundamenta-se no trabalho do sociólogo François Dubet. Conforme Peralva e Sposito (1997), ao adentrar os espaços escolares de uma escola pública parisiense, Dubet constatou a necessidade de ocupar os alunos, para não houvesse “desordem” em sala. Na mesma perspectiva, para a pesquisa que se apresenta, observou-se na lida com as turmas dessa pesquisa, a necessidade de sempre manter seus alunos ocupados, para se manter alguma organização dentro de sala de aula.

Transversalizando com essa pesquisa, também foi utilizada como fundamento a teoria sócio-interacionista de Lev Semyonovich Vygotsky (1998). O autor propõe uma partilha de conhecimentos entre professores e alunos, e não somente o professor ser o proponente do conhecimento, mas, também o aluno partilhar com o professor o que já tem adquirido ao longo de sua vida. Nessa pesquisa houve muitos aprendizados, os quais foram assimilados, tanto pelo pesquisador, quanto pelos alunos que, à época da pesquisa, estavam com as idades de 6 a 15 anos.

Os fundamentos em Educação Musical foram balizados nos trabalhos de Dalcroze, Orff, Bastião e Koellreutter.

Émile Jaques-Dalcroze (MARIANI, 2011) propôs a “Rítmica” como forma de desvencilhar os estudantes de músicas dos modelos tradicionais de ensino, como é o estudo da notação musical tradicional. Conforme Mariani (2011), o método de Dalcroze foi sistematizado e escrito pelos seus alunos, a partir da experiência vivida nas aulas de Rítmica. Desse modo, de acordo com a autora, “passaram a elaborar exercícios de acordo com a realidade de seus alunos e à especificidade artística de cada grupo. Muitos desses exercícios e experiências foram relatados na revista *Le Rythme*, que teve grande circulação na Europa no início do século XX” (MARIANI, 2011, p. 40).

Nesse sentido, para as turmas do 1º e do 3º anos do ensino fundamental, foi trabalhada com os alunos uma brincadeira com copos, pautada pela canção folclórica brasileira “Escravos de Jó”, de modo que, a cada sílaba cantada da canção, os alunos passavam o copo para seu lado e recebiam-no de outro colega. Como a turma estava sentada em círculo, com as classes à frente de cada aluno, os copos andavam sincronicamente na mesma velocidade e ciclicamente. No trecho da letra “tira, bota, deixa ficar”, os copos eram retirados e colocados na classe, de acordo com a letra da canção. Por fim, no trecho da canção “zigue, zigue, zá”, os copos iam para frente à classe seguinte e voltavam. Devido à exigência da motricidade desses alunos, que tinham, à época da pesquisa, de 6 a 9 anos de idade, alguns não conseguiam acompanhar o grande grupo, e acabavam realizando muito lentamente, ou rápido demais.

Na turma do 1º ano, com alunos de 6 a 7 anos de idade, instrumentos de banda marcial (bumbo, caixa, tarol, surdo) foram trabalhados na mesma perspectiva de Dalcroze. Dessa vez, a canção “tumba-lacatumba”, igualmente do folclore brasileiro, foi trabalhada em sala de aula. Como não havia instrumentos para todos os alunos tocarem ao mesmo tempo, dois deles, por vez, ficavam no meio do círculo das classes, tocando os instrumentos, enquanto o restante do grupo cantava a canção que eles gostavam, uma vez que foram eles mesmos quem sugeriram quando lhes foi perguntado sobre quais músicas eles gostariam de ouvir. Também foram utilizadas com todos, ao mesmo tempo, baquetas feitas de palitos de churrasquinho, para trabalhar ritmo e a coordenação motora.

Na turma do 8º ano, um *funk*, do Mc Kevinho¹, também foi trabalhada, utilizando o corpo como instrumento musical percussivo. Da mesma forma que no 1º ano, no 8º ano também foi dada a oportunidade da escolha de alguma canção que os próprios alunos gostassem. A maioria optou pela canção “Tô apaixonado nessa mina”, de MC Kevinho. Dois alunos se mostraram interessados em cantar a música, enquanto que o resto da turma a executou de outras formas, sendo uma parte da turma com a percussão corporal e a outra executando o motivo musical (bordão) da música na escaleta.

Nessa música há uma questão importante a ser tratada. Em sua letra encontram-se algumas palavras inadequadas para o ambiente de aprendizagem no qual essa investigação desenvolveu-se. A direção da escola, ao observar essa letra, sugeriu que, junto à turma, fossem alteradas algumas palavras, tornando a canção mais apropriada ao ambiente escolar. A turma, não recebeu muito bem essa sugestão, mas a acatou, o que oportunizou um momento interessante de debate.

Com a turma do 6º ano, uma perspectiva de prática musical em conjunto, pautada pela leitura musical alternativa baseada na proposta de música elementar, de Orff. Compositor da cantata “Carmina Burana”, Carl Orff dedicou-se à obra escolar, denominada de Orff-Schulwerk. A partir dessas experiências, elaborou seu pensamento pedagógico-musical. Conforme Bona (2011):

A Orff-Schulwerk, cuja essência é o pensamento musical elementar, muitas vezes foi considerada primitiva. A educação musical – elementar ou básica - parte do entendimento de que linguagem, música e movimento estão originalmente interligados pelo fenômeno rítmico. (BONA, 2011, p. 128).

Acerca da música elementar que, do latim, significa *elementarius*, quer dizer “pertencente aos elementos, primeira matéria, primeiro princípio, relacionado ao princípio”.

Música elementar jamais será unicamente música, ela está interligada ao movimento, à dança e à literatura, é aquela música, realizada pessoalmente pelo indivíduo, com a qual ele está vinculado com executante e não apenas como ouvinte. Ela é pré-

¹ Nascido em 15 de setembro de 1998, em Campinas (SP), Kevin Kawan de Azevedo é nome do cantor e compositor de *funk* carioca, mais conhecido como MC Kevinho.

espiritual, desconhece as grandes formas e a arquitetura, ela contém pequenas formas de sequências, ostinati e pequenos rondós. Música elementar está à flor da terra, é natural, corpórea, pode ser aprendida e vivenciada por todos, é adequada à criança. (ORFF *apud* BONA, 2011, p. 140).

Tendo por base a proposta de Orff, foi trabalhado o tema da “Sinfonia nº 9, Opus 125”, de Ludwig van Beethoven, utilizando uma partitura alternativa. Esta proposta foi desenvolvida tendo em vista a realização de uma atividade anterior com os alunos, a qual foi foco de pesquisa anterior (SILVA; WOLFFENBÜTTEL, 2016). Porém, dessa vez, o trabalho ocorreu no contexto da prática de conjunto instrumental, abrangendo não somente o instrumento musical teclado, mas também, escaleta, flauta doce barroca (soprano), violões e instrumentos de percussão (bumbo, caixa, tarol e baquetas feitas de palito de churrasquinho).

Essa mesma gama de instrumentos musicais, trabalhada com a turma do 6º ano, foi estendida para as turmas do 7º e do 8º anos. O que mudou para as turmas do 7º e do 8º anos foi que, ao invés de uma linguagem musical mais alternativa, também foi trabalhada a escrita musical tradicional. Houve, também, a inclusão de outro instrumento de percussão, o triângulo, no trabalho com a canção “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga.

Quanto à prática de conjunto, Bastião (2012) salienta:

A prática de conjunto instrumental pode ser uma eficiente estratégia metodológica para o educador musical, pois, envolvendo diversas formações musicais, favorece o trabalho em diversos contextos educacionais e com alunos de diferentes faixas etárias e níveis de conhecimento musical. (BASTIÃO, 2012, p. 60).

Pensando nessa perspectiva da autora, o trabalho focou-se em desenvolver, junto aos alunos, o contexto histórico da maior parte das peças musicais trabalhadas. Transversalizando aos métodos utilizados anteriormente, a proposta de Koellreutter veio ao encontro dos objetivos desta pesquisa-ação. Conforme Brito (2016), Koellreutter trabalha com outra perspectiva, a qual ele explica que seu método é não ter método, pois o método impõe e limita o aprendizado musical. Ele “desenvolveu um projeto de educação musical visando à formação integral do ser humano”. A ampliação da “percepção e a consciência, superar preconceitos, pensamentos dualistas e posturas individualistas, dentre outros pontos, eram também objetivos a serem alcançados, lado a lado aos aspectos musicais” (BRITO, 2016, p. 101). Para Koellreutter é importante se desvencilhar do ensino de música tradicional e utilizar o corpo para sentir a rítmica, a pesquisa que se faz presente, sempre buscou desmistificar o ensino de música tradicional, em alguns casos como no 7º e 8º anos, utilizando-o.

4 | RESULTADOS ENCONTRADOS

A coleta dos dados foi realizada em três momentos, descritos anteriormente. Contudo, focar-se-á apenas no último, que foi a resposta dos questionários escritos pelos alunos do 6º ao 8º anos e gravados com as turmas do 1º e do 3º do Ensino Fundamental. É importante lembrar que foram gravadas as respostas das turmas de 1º e 3º anos, pelo fato de parte de os alunos ainda não saberem ler e escrever com fluência, à época da pesquisa, não se caracterizando como uma entrevista.

O questionário respondido consistia em três perguntas, sendo apenas a primeira direcionada para essa pesquisa. As questões do questionário giraram em torno dessas atividades, sendo: O que você achou das aulas de música com o uso de instrumentos musicais? O que você gostou? O que você não gostou? Comente a respeito.

A partir dessas questões, duas categorias foram criadas para organizar e analisar os dados. As categorias criadas foram: atividades apreciadas e atividades não apreciadas. A partir dos questionamentos, as turmas do 1º e do 3º anos focaram-se em responder quais instrumentos gostaram mais e quais não gostaram. A gravação passou pr todos os alunos, fazendo a pergunta do questionário. Nas duas turmas alguns alunos acrescentaram informações a mais.

Na turma do 1º ano - que foi arguida no dia 12/12/2017 - dos 25 alunos, 21 se fizeram presentes. Desses 21, 4 disseram gostar de trabalhar a canção “Escravos de Jó”.

A coleta dos dados com a turma do 3º ano ocorreu em 11/12/2017; dos 24 alunos da turma, 22 se fizeram presentes. Além de eles responderem quais instrumentos musicais gostaram mais ou menos, uma aluna salientou que não gostava quando o professor de música – um dos investigadores nesta pesquisa – chamava-lhe à atenção quando ela não estava atenta às aulas. Nesse momento foi-lhe perguntado sobre o motivo pelo qual ele chamava à atenção em aula, ao que ela respondeu ser devido ao seu comportamento inadequado em algumas aulas.

Passando para a turma do 6º ano, que respondeu ao questionário no dia 12/12/2017, dos 21 alunos da turma, 18 compareceram à aula nesse dia. Desses, 11 alunos não responderam o que não gostaram das aulas, apenas responderam o que gostaram. Acharam interessantes as aulas, inclusive surgiram comentários de alunos que pediram desculpas por não terem se portado adequadamente em algumas das aulas. Além disso, alunos responderam que agradeceram pelas aulas que tiveram e as novas notas musicais que aprenderam, o que leva a pensar que esses alunos já tinham noções sobre notação musical. Alguns alunos, já se sabia, já tinham participado ou participavam de aulas de música paralelamente a essas dessa pesquisa, na escola através da banda marcial, mas outros, não. Alguns alunos agradeceram pela oportunidade de fazer aulas de músicas.

Desses 18 alunos, 7 responderam que não gostaram de alguns aspectos das aulas. Dentre esses aspectos, estavam os alongamentos e preparos corporais

realizados antes do início de cada aula, explicando-lhes sua importância para o trabalho da execução musical. Outro aspecto que alguns alunos não gostaram foi o fato de não terem tido a oportunidade de trocar de instrumento, bem como, de tocar um ou outro instrumento musical ou também, que não gostaram de um instrumento. Um dos alunos respondeu, também, não ter gostado de alguns colegas não demonstrarem interesse nas aulas de música.

Seguindo para a turma do 7º ano, investigada no dia 11/12/2017, dos 20 alunos, 15 responderam ao questionário. Destes 15 alunos, 12 responderam que gostaram das aulas; uma aluna comentou que foi a realização de um sonho, visto que sempre quis aprender a tocar teclado. Parte dos alunos relatou que gostaram de aprender conteúdos novos com a música, de aprenderem a tocar algum instrumento musical específico, além de salientarem a atuação do professor.

Quanto aos que não gostaram, 11 alunos dentre os 15 que responderam ao questionário, assinalaram algo que não foi prazeroso para eles nas aulas de música; desses 11, 3 alunos que responderam apenas os pontos negativos, pois não gostavam das aulas de música e/ou não gostavam de tocar, e outro não gostava de fazer música. Alguns alunos comentaram não terem gostado pelo fato de o instrumento era feito de “palitos” para churrasco, e não baquetas.

O restante dos alunos que expressaram algum aspecto negativo nas aulas de música escreveu que não gostaram pelos seguintes fatos: não tocou nenhum instrumento musical; não gostou do fato de o professor não lhe dar atenção; não gostou das aulas teóricas, pois preferia as aulas práticas; não gostou das aulas de música, pois não queria participar. Apenas fez pelo fato de as aulas serem obrigatórias; não gostou da parte teórica musical (escrita) e das baquetas.

Fora essas duas respostas de alunos que, além de escreverem os pontos positivos, apontaram o que não lhes atraía nas aulas de música. Um deles respondeu que não gostou do fato de o professor não chamar à atenção dos alunos que não prestavam atenção na aula, quando seus colegas tocavam os instrumentos em momentos inadequados. O outro respondeu que não gostou porque, como a atividade ocorria durante a disciplina de Artes Visuais, em algumas ocasiões em que era desenvolvida uma atividade interessante nesta aula, eles não podiam participar, como foi o caso em uma tarefa com Mandalas, na disciplina de Artes Visuais.

A turma dos alunos maiores, o 8º ano respondeu ao questionário no dia 11/12/2017. Dos 21 alunos da turma, 12 compareceram à aula e responderam ao questionário. Desses 12, um não relatou pontos negativos. Todos os 12 relataram pontos positivos nas aulas de música.

Essa turma em particular, além de relatar dentre os pontos positivos que gostaram de tocar um ou outro instrumento musical, um aluno explicou que tocar um instrumento musical foi algo que ele nunca tinha feito anteriormente em sua vida. Alguns relataram que adoram o fato de tocarem os instrumentos musicais junto aos demais colegas, e outros relataram que as aulas de música deram a oportunidade de os alunos tocarem

vários instrumentos musicais. Uma aluna chamou à atenção para o fato de as aulas de música terem lhe proporcionado contato com a música, para ela e os colegas saberem ou terem alguma ideia se iriam ou não querer seguir carreira na música. Essa mesma aluna salientou que gostou do fato de o professor de música ter trabalhado com a turma uma música escolhida pela mesma, que foi “Tô apaixonado nessa mina”, de MC Kevinho, mencionada anteriormente.

Quanto aos pontos negativos, os alunos responderam que não gostaram do fato de terem de cantar em algumas músicas, pois não gostavam de cantar, ou sentiam-se envergonhados. Outros responderam que não gostaram de realizar alongamentos antes do início de cada aula. Dentre os pontos negativos que, talvez, seja um seja positivo, um aluno respondeu que não gostou do pouco tempo de aula de música que tiveram. Ele queria mais tempo.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação objetivou promover uma prática de conjunto musical instrumental, pautada por aprendizados práticos, teóricos e alternativos. Buscou responder as seguintes questões norteadoras da pesquisa: Como que se constitui um conjunto instrumental escolar? Qual a importância dessa prática musical para os alunos?

O quadro, a seguir, sintetiza com quais turmas foram trabalhadas, o número de alunos por turma, quanto responderam ao questionário, as datas de coleta dos dados, e as categorias.

Turmas	Nº de alunos	Data da aplicação do questionário	Nº de alunos que vieram no dia aplicação do questionário	Nº de alunos que responderam ao questionário	Categoria “O que gostou?”	Categoria “O que <i>não</i> gostou”
1º ano	25	12/12/2018	21	21	21	21
3º ano	24	11/12/2018	22	22	22	22
6º ano	21	12/12/2018	18	18	18	7
7º ano	20	11/12/2018	16	15	12	11
8º ano	21	11/12/2018	12	12	12	01

Quadro 1 – Quadro de turmas e alunos

Fonte: Autores, 2018.

Ao todo, 111 alunos participaram das aulas de música, as quais ocorreram de abril a dezembro de 2017, intercalando as turmas. Desses, 89 (80,1%) se fizeram presentes nos dias da aplicação dos questionários. Houve apenas um aluno (0,9%) ausente, totalizando 88 respondentes válidos e 22 (19,8%) alunos ausentes.

Com a resposta dos estudantes ao questionário, observou-se que o objetivo de promover um ensino prático musical em grupo foi cumprido com êxito. Quanto às perguntas que deram origem à pesquisa, constatou-se que, para se construir uma pesquisa, o investigador precisa considerar questões socioeconômicas e culturais dos alunos, uma vez que muitos não tinham condições financeiras de adquirir um instrumento musical para estudo próprio fora da aula de música.

Grande parte dos alunos que participou dessa investigação constitui uma parcela da sociedade que se encontra em vulnerabilidade social; portanto, não tinham condições de adquirir bens culturais materiais, como a compra de um instrumento musical.

A importância da prática de conjunto musical constatada nessa investigação, não somente do olhar observador do professor de música, mas das respostas dos próprios alunos, é que a prática de conjunto musical teve para eles um aspecto acolhedor, socializador, bem como de convívio harmonioso com os demais colegas de classe. Muitas das respostas dos alunos foram surpreendentes para o professor/pesquisador, uma vez que o mesmo nunca viu ou ouviu seus alunos se expressarem como se expressaram no questionário, tanto positivamente, quanto negativamente.

Salienta-se que manter os alunos ocupados como Dúbet (PERALVA; SPOSITO, 1997), faz-se muito importante durante as aulas de música. Pois, quando se está explicando algo para um grupo, outro grupo pode seguir desenvolvendo outro aspecto musical da peça musical em estudo, ao invés de ficarem dispersos.

Outro aspecto relevante observado nas aulas foi a partilha de conhecimentos entre alunos e professor/pesquisador de música, como explica Vygotsky (1998) em sua teoria sociointeracionista. Por fim, o trabalho desvelou grandes aspectos da prática de conjunto musical escolar e sua importância para os alunos que dela usufruem e necessitam para suas relações interpessoais com os colegas.

REFERÊNCIAS

BASTIÃO, Zuraída Abud. **Prática de conjunto instrumental na educação básica**. *Revista Música na Educação Básica*. Londrina, v.4, n.4, novembro de 2012. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_musica/ed4/pdfs/RevistaMeb4_pratica.pdf> Acesso em: 15/06/2017. Acesso em: 15 jul. 2018.

BONA, Melita. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). **Pedagogias em educação musical**. Curitiba: Ibpe, 2011. p. 25-54.

BRITO, Teca Alencar de. **Hans-Joachim Koellreutter**: Por quê? In: JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sergio; TERAHATA, Adriana Miritello (Cord.). *A Música na Escola*. Ministério da Cultura e Vale. ALLUCCI & ASSOCIADOS COMUNICAÇÕES SÃO PAULO, 2012, p. 101-103. Disponível em <http://www.amusicanaescola.com.br/pdf/Teca_Brito.pdf> Acesso em: 15 jul. 2018.

MARIANI, Silvana. Émile Jaques-Dalcroze: **A música e o movimento**. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Ibpe, 2011. p. 25-54.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Educação, Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, ano XXII, n.37, pp.7-31, março 1999.

PERALVA, Angelina Teixeira; SPOSITO, Marília Pontes. **Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet**. Revista Brasileira de Educação. Mai/Jun/Jul/Ago 1997, nº 5 set/out/nov/dez, 1997, nº 6.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SILVA, Giácomo de Carli da; WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. **O ensino de música em sala de aula, a partir da história do Navio Titanic**. IN: SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO DA FUNDARTE, 25, 2016, Montenegro. Anais. Montenegro: Editora da Fundarte, 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/405/511> Acesso em: 19 ago. 2018.

SUASSUNA, Lívia. **Pesquisa qualitativa em educação e linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 341-377, abr. 2009. ISSN 2175-795X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795x.2008v26n1p341/9576>> Acesso em: 15 jul. 2018.

TRIPP, David. **Pesquisa ação: uma introdução metodológica**. São Paulo: Revista Educação e Pesquisa, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

SOBRE A ORGANIZADORA

Gabriella Rossetti Ferreira

- Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).
- Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.
- Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
- Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-309-5

